



Surto reforça governos, recessão ameaça derrubá-los

PRIMEIRA LINHA 16 e 17

Área: 1059cm² / 37%

FOTO Titagem: 16.981

Cores: 4 Cores

ID: 6796213

PRIMEIRA LINHA COVID-19

Epidemia reforça governos, recessão ameaça derrubá-los

A popularidade de António Costa está em alta e, segundo a Intercampus, atingiu níveis próximos dos de Marcelo. Contudo, a história mostra que é normal o aumento do apoio aos governantes em tempos de crise, o problema surge quando chega a ressaca económica. E aí as forças populistas podem capitalizar.

DAVID SANTIAGO

dsantiago@negocios.pt

“Vamos todos ficar bem” é a mensagem partilhada em todo o mundo, com mais ou menos variações, como sinal de esperança na vitória contra a pandemia do coronavírus. É uma afirmação de unidade contra o inimigo, comum e externo, representado pela Covid-19, mas também ajuda a explicar o súbito crescimento da popularidade de líderes tão diversos como Donald Trump ou António Costa.

Desde que estalou a crise causada pelo novo coronavírus, observa-se uma tendência geral de subida da popularidade dos detentores do poder, em particular o executivo, sejam populistas ou não. Em Portugal, a última sondagem da Intercampus para o Negócios colocava a aprovação do primeiro-ministro próxima da do Presidente da República (que caía um pouco).

Têm sido recorrentes as analogias entre a resposta ao coronavírus e cenários bélicos. “Várias situações históricas de entrada em conflitos militares, desastres naturais, e até após a

queda do Lehman Brothers, mostram que há uma reação inicial de apoio aos governos por parte da opinião pública”, explica Pedro Magalhães, investigador principal do ICS.

É aquilo que a Ciência Política designa por “rally around the flag” e que, numa tradução livre, Pedro Adão e Silva classifica de “cerrar fileiras”. “Perante uma crise, o efeito imediato é o aumento da popularidade de quem detém o poder executivo. Não acontece tanto como um fenómeno psicológico em que as pessoas aderem ao líder, mas porque a crítica e a oposição tendem a diminuir”, analisa o docente do ISCTE. Ou seja, é menos sobre a forma como os eleitores reagem à crise e mais acerca da mensagem transmitida pela classe política e pelos media.

Há, assim, um conjugar de fatores que se traduzem no reforço da confiança depositada nos principais decisores, elucida Pedro Magalhães: “A percepção de uma ameaça comum reforça a unidade nacional em torno de quem tem poder para lidar com essa ameaça; e as oposições coíbem-se de criticar os governos, o que reforça a percepção de que os governos estão a

agir bem - o resultado é um reforço do apoio popular e da confiança nas autoridades”.

Polarização atenua cerrar de fileiras

Apesar de geral, nem sempre esta tendência se faz sentir. É o caso da Espanha, onde a confiança no líder do Governo, Pedro Sánchez, tem vindo a cair, assim como as intenções de voto no PSOE. O sociólogo Adão e Silva aponta a “polarização” estrutural ao nível político e social como justificação para a popularidade de Sánchez não estar a subir.

Outro exemplo disso mesmo é Trump. É verdade que, após uma quebra nos índices de popularidade em virtude da atitude leviana inicialmente adotada face ao surto, este viu escalar entretanto a sua taxa de aprovação para 49% no índice Gallup, o máximo da sua presidência. No entanto, fica ainda muito aquém do pico de 90% alcançado por George W. Bush depois do 11 de setembro (antes do ataque às Torres Gémeas estava nos 51%). É que, pelo menos desde a guerra civil, nunca a política americana viveu um período de maior polarização.

Recessão pode tirar o que o coronavírus deu

Ao Negócios, o politólogo Cas Mudde defende que este reforço de popularidade ocorre somente no “curto prazo”. “É crucial recordar que se a crise tiver terminado no outono, isto é, depois de uma eventual segunda vaga da pandemia, provavelmente será irrelevante para eleições que decorram na primavera de 2021”, sustenta o professor da Universidade da Geórgia (EUA).

Também Adão e Silva defende que o efeito “cerrar fileiras” não tem consequências duradouras nem estruturais. Já Pedro Magalhães estabelece um paralelismo com o “aumento das baixas” ou a “ausência de perspectivas de vitória” numa guerra para notar que “nunca perdura indefinidamente”. “As divisões na opinião pública seguir-se-ão inevitavelmente se assim for”, antevê.

“Dura pouco porque a partir de certa altura aquilo que se sobrepõe como determinante da confiança é a economia. Os efeitos económicos e sociais desta pandemia serão brutais e aí os governos revelar-se-ão impopulares”, afirma o sociólogo Adão e Silva, para quem a “variável determinante é o tempo”.

Diversas entidades internacionais antecipam já que a recessão decorrente da atual crise sanitária poderá ser a maior de sempre. Isso tenderá a reverter o aumento da confiança nos governos. Ou até derrubá-los.

“A economia será o mais importante e o melhor exemplo é a primeira Guerra do Golfo”, diz, à revista Wired, Stephen Ansolabehere, politólogo da Universidade de Harvard, re-

cordando que apesar de a taxa de aprovação de George Bush (pai) ter disparado para mais de 90% na sequência da operação Tempestade no Deserto (1991), um ano depois, e numa altura em que a economia americana estava longe do fulgor de outros tempos, o então presidente perdeu as presidenciais para Bill Clinton. Ficou para a história a expressão “é a economia, estúpido”.

Quando a recessão se impuser, será indiferente se se trata de um governo liberal ou populista, pois a “impopularidade de quem está no poder sobrepor-se-á”, garante Pedro Adão e Silva. O sociólogo avisa ainda que será nas sociedades mais polarizadas que as forças populistas terão “terreno fértil para medrar”. Certo é que, como escreveu Teresa de Sousa, no Público, “são os líderes que se fazem ou desfazem perante a crise”. ■

“Os efeitos económicos e sociais desta pandemia serão brutais e aí os governos revelar-se-ão impopulares.”



ADÃO E SILVA
Professor do ISCTE



A percepção de uma ameaça comum reforça a unidade nacional em torno de quem tem poder para lidar com essa ameaça.



PEDRO MAGALHÃES
Investigador principal do ICS



É crucial recordar que se a crise tiver terminado no outono, isto é, depois de uma eventual segunda vaga da pandemia, provavelmente será irrelevante para 2021.



CAS MUDDE
Professor da Universidade da Geórgia

LÍDERES GANHAM APOIO POPULAR

É BEM VISÍVEL A SUBIDA GENERALIZADA DOS ÍNDICES DE APROVAÇÃO DOS LÍDERES DE GOVERNOS UM POUCO POR TODO O MUNDO. COM EXCEÇÃO DO PRIMEIRO-MINISTRO ESPANHOL, POLÍTICOS COM PERFIS LIBERAIS TAIS COMO ANTÓNIO COSTA OU EMMANUEL MACRON VEEM A SUA POPULARIDADE CRESCER, O MESMO ACONTECENDO COM LÍDERES POPULISTAS COMO DONALD TRUMP.



BORIS JOHNSON

O primeiro-ministro britânico também relativizou a gravidade do surto de Covid-19, porém a avaliação à forma como está a gerir a crise traduz-se numa clara melhoria da respetiva taxa de aprovação que, segundo o barómetro Ipsos Mori, passou de 46,5% em fevereiro para 52% em março. Neste período, Boris Johnson passou a ter uma taxa de satisfação superior à de insatisfação.



GIUSEPPE CONTE

Mesmo liderando um governo de aliança improvável entre o populista anti-sistema 5 Estrelas e o social-democrata PD, e apesar da oposição sempre presente de Matteo Salvini (Liga), cuja popularidade continua em alta, e de Itália ser o país mais penalizado pela pandemia, Giuseppe Conte obteve a aprovação mais alta (71%) em quase dois anos como primeiro-ministro transalpino.



EMMANUEL MACRON

Mesmo que persista em níveis negativos desde a revolta popular dos coletes amarelos, a popularidade do presidente francês, medida pela Elabe para o Les Echos, cresceu 10 pontos percentuais de março para abril (passou de 29% para 39%). Já a sondagem do Ifop de março coloca a taxa de aprovação de Emmanuel Macron em 43% (32% em fevereiro), o nível mais alto em quase dois anos.



DONALD TRUMP

Depois de uma perda inicial de popularidade pela forma como desvalorizou a gravidade da pandemia, a avaliação ao desempenho de Donald Trump sobe desde meados de fevereiro. O barómetro Gallup coloca a aprovação do presidente dos EUA em 49%, o que iguala o máximo da sua presidência. E a compilação de sondagens da CNN mostra a aceitação de Trump crescer de 43% para 47% em menos de um mês.



ANGELA MERKEL

A chanceler viu a sua taxa de aprovação passar de 53%, no início de março, para 64% em abril. A sondagem para a estação pública ARD mostra um reforço da confiança no governo CDU-SPD de 35% para 72%. E as intenções de voto da CDU de Merkel cresceram sete pontos percentuais e as da extrema-direita (AfD) recuaram. Com saída prometida para 2021, a imprensa alemã já fala na continuidade de Merkel.



ANTÓNIO COSTA

O jornal ABC fez capa com o primeiro-ministro português, o líder europeu mais popular perante a crise sanitária. Na sondagem da Intercampus, a avaliação de António Costa subiu para perto de Marcelo Rebelo de Sousa. E no barómetro da Marktest sobre a Covid-19, a avaliação ao desempenho do Governo avançou para 74 pontos, acima dos 67 pontos conseguidos pelo Presidente da República.



PEDRO SÁNCHEZ

Ao contrário da tendência generalizada, o primeiro-ministro espanhol não viu a gestão da crise do coronavírus repercutir-se numa melhoria do seu índice de popularidade. O barómetro Gad3 para o ABC mostra que, em meados de março, 35,1% dos espanhóis classificavam como “boa” a gestão da pandemia para, em abril, esse valor recuar para apenas 27,7% dos inquiridos.